



“RICERCHIARE, LA PAROLA D’ORDINE”: ATIVIDADES DE UMA PESQUISADORA BRASILEIRA NA ITÁLIA

MARIA JOSÉ DANTAS

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

O uso das viagens como prática pedagógica tem sido evidenciado nas últimas décadas no âmbito da História da Educação. Neste sentido, o objetivo deste artigo é narrar algumas atividades realizadas durante um estágio doutoral na Itália. A experiência teve início em 2012 e concluiu-se em 2013. A pesquisa foi realizada com o apoio da CAPES e do Instituto Universitario Sophia (IUS) e permitiu visitar diversos acervos, bibliotecas, centros de pesquisa, museus, cidades históricas, além de possibilitar contato com muitos pesquisadores europeus, participar de diversos eventos, tanto no IUS como em outras universidades e instituições europeias. Pesquisar na Itália permitiu observar, conhecer, conviver com outras pessoas de culturas, costumes e religiões diferentes, ultrapassar distintos espaços e por meio dos usos e apropriações das variadas leituras, viajar por entre séculos.

Campos de lavanda e de girassóis, vinhedos, fileiras de ciprestes e o sobe e desce das colinas toscanas, são marcas registradas na memória de quem ao longo de um ano de árduo trabalho de pesquisa no exterior, teve possibilidade de caminhar, viajar e contemplar paisagens em pequenas e grandes cidades italianas.

Os usos da memória como fonte para os estudos de História da Educação têm sido enfatizados por muitos pesquisadores. Clarice Nunes (2002) ressalta que os trabalhos de memória são exercícios sistemáticos que nos refaz das perdas e nos permite realizar, mesmo parcialmente o nosso desejo de vencer o esquecimento.

Com base neste enfoque e com o objetivo de (re) visitar lugares de memória e buscar meios para vencer o esquecimento, publiciza-se registros de uma experiência densa e permeada por aprendizados: o estágio de doutorado sanduíche realizado na Itália de fevereiro de 2012 a fevereiro de 2013.

De acordo com Felgueiras e Rico,

As viagens e os contatos que elas propiciam, foram sempre um meio de enriquecimento cultural, pela troca de ideias, pelo confronto de culturas e suas formas de vida. Com origem em desígnios pacíficos de comércio, de turismo ou em projetos de dominação política e econômica, geraram cruzamentos e mestiçagens culturais. A consciência deste fato tem vindo a multiplicar os olhares sobre essas experiências e trajetórias, quer em nível dos estudos literários, quer de outros ramos do saber (FELGUEIRAS; RICO, 2011, p. 7).

No âmbito da História da Educação, nas últimas décadas, têm crescido as investigações sobre viagens de educadores e as práticas pedagógicas desenvolvidas. Dentre outros autores, uma coletânea organizada por MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (2007) reúne estudos sobre viagens de caráter oficial e particular realizadas por educadores com a intenção de se aproximar de políticas educacionais e práticas pedagógicas inovadoras.

Viajar para observar, conhecer, entrevistar, conviver com pessoas de culturas, costumes e religiões diferentes certamente é sinal de inúmeros aprendizados. No entanto, a realização de um estágio de doutorado sanduíche no exterior vai além: requer aprender fluentemente a língua do país de destino e disposição para realizar muitos exercícios: vontade, resistência física, capacidade de relativizar acontecimentos, desapego e, sobretudo, vocação à pesquisa.

Arrumando as malas...

Conhecer a Itália era um sonho acalentado desde a infância, mas parecia algo distante e impossível, seja pela separação geográfica em relação ao Brasil, seja pelas dificuldades financeiras.

Porém, em meio às pesquisas na Pós-Graduação, desenvolvi um profundo interesse pelos estudos que dizem respeito à História da Educação católica, e também me dei conta de uma paixão avassaladora pelas investigações com práticas epistolares. Isso me levou a tomar como objeto de pesquisa no Doutorado “o epistolário de Chiara Lubich”, uma professora católica italiana que nasceu em 1920 e desenvolveu sua prática educativa, dentre tantas maneiras por meio das cartas.

Estudar essa professora trazia a necessidade de uma aproximação maior com a Itália e com a história e os escritos da educadora. Também era imprescindível investigar, numa escala maior, a escrita epistolar católica e seus usos como fonte para os estudos de História da Educação, sobretudo da História da Educação religiosa católica.

Assim, optou-se por um estágio doutoral na Itália. Foi preciso fazer contatos com instituições de ensino italianas, selecionar documentos e cumprir as etapas que compunham o processo de seleção do Programa Institucional de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Ministério da Educação do Brasil.

Além mar...

Em 11 de fevereiro de 2012, Aracaju ficava para trás, a meta era atravessar o Atlântico e chegar à Itália, fato ocorrido na noite do dia 12. Certamente se tratava de uma travessia esplêndida, mas ao mesmo tempo começava a entender que para colocar em prática tal empreendimento se fazia necessário ter coragem, dinamismo, foco no objetivo pretendido e sabedoria para não parar nas dificuldades, bem como, era preciso saber lidar com o desconhecido.

No aeroporto internacional de Roma, *Fiumicino*, os primeiros sinais da grande diferença climática que iria enfrentar. A Prof^a. Dr^a. Judith Marie Povilus que havia aceito a proposta de supervisionar minha investigação na Itália, estava chegando naquela mesma noite de uma viagem a Jerusalém e iria desembarcar no mesmo aeroporto.

As horas passaram-se rapidamente, e logo chegou o voo vindo de Tel Aviv em Israel trazendo a Prof^a. Judith e um grupo de mais de 40 pessoas, entre funcionários e alunos do *Istituto Universitario Sophia*, Universidade que estava me recebendo para o estágio doutoral. Seguimos em direção ao estacionamento do aeroporto onde um ônibus “*di colore bianco, con la scritta ALA BUS e un disegno con dei cerchi*” estava nos esperando.

A Prof^a. Judith apresentou-me a todas as pessoas, sentou-se ao meu lado no ônibus, e enquanto viajávamos por mais três horas em direção ao *Istituto Universitario Sophia*, em *Incisa in Val d'Arno*, mostrou-me cada curiosidade da estrada coberta pela neve. Durante a madrugada, com uma temperatura de -4°, chegamos a *Incisa in Val d'Arno*. Lá, outro carro já estava a minha espera, para levar-me ao apartamento onde fiquei hospedada. Um local de arquitetura toscana, construído no século XIX, mas todo reformado, com vários apartamentos para hóspedes, alguns deles mobilhados, a exemplo do que me instalei. Era composto por uma sala com mesa, três cadeiras, uma poltrona, duas camas de solteiro e guarda-roupas; na cozinha, geladeira, armário, fogão e aquecedor; banheiro e lavanderia. Do lado de fora, a estrutura arquitetônica era rodeada por ciprestes, oliveiras, videiras, figueiras, damasqueiros, amoreiras, cerejeiras, campos de lavanda e de girassóis, uma paisagem digna de cinema.

De desafio em desafio...

Teve início uma nova fase: adaptação ao clima, à culinária, ao fuso horário, às particularidades da língua e aos hábitos culturais diferentes. Tudo era novidade: as árvores secas e quase sem vida, os esquilos e os “*Bambis*” que via pela janela, o barulho dos javalis que à noite passavam ao redor da casa, a neve que cobria a relva, o gelo em algumas partes, os aquecedores a gás, além dos vários cuidados para não ficar doente: manter o cabelo seco, vestir o capote antes de sair de casa, hidratar a pele, colocar luvas, gorros, *echarpe* e o tipo de bota ideal para cada situação: chuva, neve, gelo ou lama.

A fraternidade dos colegas era perceptível. Observaram que não possuía um capote adequado para sair na neve e providenciaram um, que foi companheiro inseparável durante os quatro primeiros meses na Itália.

Mas, a viagem a Europa, era motivada pela necessidade de realizar os trabalhos de pesquisa relacionados ao objeto que estava investigando no doutorado em Educação, assim, após organizar as coisas no apartamento, tratei de apresentar-me formalmente à Universidade para tomar todas as providências com relação aos vários aspectos relacionados à documentação para permanência no país.

As atividades de pesquisa consistiam em idas ao *Istituto Universitario Sophia* para encontros de orientação com a Prof^a. Judith e horas de estudo e escrita em casa. Na Universidade, a proposta transdisciplinar com os momentos de partilha

acadêmica e vida estudantil, me encantaram. Participei de almoços coletivos, saídas para o supermercado, passeios e momentos de jogos. Além disso, aproveitava para frequentar a biblioteca da Universidade, que possui em seu acervo grandes obras doadas pelo teólogo italiano Pasquale Foresi.

Palavra de ordem: pesquisar!

A primeira grande viagem de pesquisa foi realizada em companhia de um grupo de professores, funcionários e alunos da Universidade. Éramos quase 100 pessoas e fomos a Verona e a Trento. Em Verona visitamos, dentre outros locais, a casa de Julieta e num misto entre ficção e realidade foi possível observar muitas cartas e mensagens deixadas nas paredes por pessoas do mundo inteiro. Em meio às caminhadas e visitas aos locais turísticos e históricos, mais uma vez a oportunidade de conversar com a Prof^a. Judith, de conhecê-la melhor e também de socializar aspectos da pesquisa.

Em Trento, cidade onde Chiara Lubich nasceu e deu início a sua atividade docente, visitamos locais representativos na vida da educadora: a casa, as escolas onde estudou e os lugares onde começaram os primeiros encontros do Movimento dos Focolares. Por intermédio da Prof^a. Judith Povilus, consegui conversar com o Prof. Giuseppe Milan da Universidade de Pádua, cidade próxima a Trento e também troquei ideias com Nino Carella que realizou uma pesquisa sobre aspectos ligados à formação educacional de Chiara.

Estive na *Biblioteca Comunale di Trento*. Consultei Anuários do Instituto Magistral Antonio Rosmini, onde Chiara adquiriu sua formação docente, fiz diversas leituras sobre a História da Pedagogia Italiana, bem como apreciação sobre os métodos de ensino em voga nas décadas 1930 e 1940: o método Montessori, método Agazzi e o sistema preventivo de Dom Bosco.

Continuando as viagens e a consulta aos impressos italianos, visitei a *Biblioteca Comunale dell' Archiginnasio* e o *Archivio Storico dell'Università di Bologna*, em Bolonha. Estive por várias vezes na *Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze*, em Florença. Nessas bibliotecas consultei diversas revistas *Scuola Italiana Moderna*, das décadas de 1930, 1940 e 1950, esta era uma revista para professores católicos que começou a circular no final do século XIX, em Brescia, uma cidade não muito distante de Trento.

Em Roma, estive na Biblioteca Nacional, uma das melhores, acolhedoras e bem equipadas bibliotecas que já consultei e também fui à Biblioteca da Pontifícia Universidade Salesiana. Por fim, visitei também alguns sebos e consultei jornais e revistas em barracas localizadas na *Piazza Repubblica* e na *Via Nazionale*. Dentre as livrarias, estive várias vezes na *Paulus* em Roma e em Florença, na livraria *San Paolo*, livraria Vaticano e livraria *Città Nuova*.

Algumas viagens estavam relacionadas à pesquisa, mas dispunham de perspectivas diferenciadas de investigação: eram voltadas a conhecer os lugares por onde Chiara passou, ou cidades com algum tipo de importância na história do Movimento fundado por ela. Por exemplo, em Loreto existe uma grande catedral com uma pequena casa ao centro. Segundo a tradição, essa habitação foi edificada com pedras e pedaços das paredes da casa onde morou Maria, José e Jesus, em Nazaré. Nessa casinha, na década de 40 do século XX, Chiara teve a primeira intuição sobre o focolare.

Fiz também visitas a Assis e a Sena, cidades onde é possível perceber de modo evidente o carisma de duas grandes místicas italianas muito citadas por Chiara em seus escritos: Clara de Assis e Catarina de Sena. Em Assis também se evidencia de modo relevante a figura carismática de São Francisco.

Também estive em um Santuário localizado no Monte Senário, próximo a Florença. É o Santuário dos sete Santos Fundadores da Ordem dos Servos de Maria. Chiara visitou esse local diversas vezes e dentre as cartas analisadas em minha tese, duas se referem com muita propriedade a esse lugar.

O momento mais esperado foi a visita ao Centro do Movimento dos Focolares e ao Centro Chiara Lubich em *Rocca di Papa*, nas proximidades de Roma. Após contatos com os referidos locais e com algumas amigas que iriam me acolher, parti em direção a Roma. A casa onde ficava hospedada em *Grottaferrata* recebia diversas pessoas que estavam de passagem em Roma e nos primeiros meses da pesquisa era habitada por duas brasileiras que trabalham no Centro dos Focolares: Maria Clara Rezende, de São Paulo e Ângela Teodósio, de Recife. Depois chegaram Marineide Dantas de Recife e Beatriz Restrepo da Colômbia, que também foram trabalhar no Centro do Movimento, mas que após um período de atividades retornaram aos seus respectivos países. Geralmente por conta dos trabalhos da pesquisa, seja nos arredores ou nas bibliotecas e arquivos de Roma, era necessário ficar vários dias ou semanas, e em virtude dos diferentes horários em que retornava a casa, elas sempre deixavam comigo uma cópia da chave.

O Centro Chiara Lubich e o Centro do Movimento ficam em *Rocca di Papa* e dado à proximidade de *Grottaferrata*, foi possível fazer grande parte das atividades de pesquisa a pé. Bastavam 10 minutos de caminhada apreciando a paisagem e estava diante do grande jardim que circunda o Centro dos Focolares.

Lá, visitei a casa de Chiara Lubich, vi sua biblioteca e muitos dos seus objetos pessoais que permanecem expostos. Caminhei pelos mesmos lugares que ela passava para ir da casa ao trabalho ou à igreja e isso me fez pensar em alguns dos seus escritos, que foram talvez inspirados pela paisagem vista por entre as grandes árvores. Também pude visitar

seu túmulo, observar como as pessoas se comportam quando vão ali, como olham e que tipos de veneração realizam junto àquela sepultura.

No que diz respeito ao Centro Chiara Lubich, está localizado numa espécie de Condomínio fechado que sedia o Centro do Movimento e se organiza em vários setores, distribuídos em duas casas. Existe uma equipe composta por historiadores, arquivistas e teólogos que têm trabalhado na catalogação e disposição do material, bem como na digitalização dos escritos de Chiara. Pude observar diversos documentos pessoais da educadora Trentina, certificados, condecorações, medalhas, roupas, fotografias, troféus, dentre outros.

Também visitei o *Centro Educazione Unità*, um órgão que se dedica ao aspecto educativo dos Focolares e fica localizado em *Grottaferrata*. Estive na *Scuola Abba*, criada por Chiara Lubich no final da década de 80 do século XX e composta por um grupo de estudiosos que se reúnem duas vezes por mês na Sala Klaus Hemmerle em *Rocca di Papa*. Estive também na sede de *New Humanity*, uma ONG oficial do Movimento Focolares, diretamente ligada a ONU e UNESCO e sediada em *Grottaferrata*.

As entrevistas

Durante as várias visitas ao Centro do Movimento tive oportunidade de entrevistar algumas colaboradoras de Chiara Lubich: Florence Gillet e Regina Celis, duas das profissionais que trabalham no arquivo do Centro Chiara Lubich; Doriana Zamboni, uma ex-aluna de Chiara e Marco Tecilla, um dos destinatários das cartas de Chiara.

Também entrevistei algumas pessoas que moravam na mesma casa que ela: Anna Paula Meier e Anna Fratta (Doni); duas de suas secretárias, Eli Folonari, que esteve ao seu lado desde a década de 50, do século XX e a acompanhava em grande parte de seus compromissos e atividades, e Ernestina Alves Cavalcanti (Tininha) que era responsável por digitar os seus discursos, pensamentos e algumas de suas correspondências.

Tininha é brasileira de Pernambuco, e trabalhou com Chiara durante 35 anos. Por conta das atividades que realizava, possui 15 álbuns com cerca de 2.700 bilhetes que recebeu com instruções sobre os textos a digitar, com agradecimentos pelo trabalho realizado e segundo Cavalcanti (2013), “com respostas a alguma carta minha, assegurando que se lembrava de rezar pela minha família e por outras intenções”.

Olhando esses bilhetinhos, é possível perceber alguns detalhes: o cuidado que Tininha teve de catalogá-los colocando em cada página o local e o período da escrita. Também que Chiara escreveu seu nome cada vez de maneira diversa: mudou o tipo de letra, fez um desenho, mudou a cor do papel, a cor da caneta. Isso leva a crer que ela se relacionava com as pessoas de maneira singular, com expressões de afeto e de gentileza. Quando perguntei a Tininha como percebia a importância das cartas na vida de Chiara, ela me respondeu: “Chiara tinha uma grande consideração para com cada pessoa que encontrava, seja pessoalmente, seja através da correspondência [...]. Quem recebia uma carta dela sentia-se amado pessoalmente” (CAVALCANTI, 2012).

Segundo Camargo (2000a), a produção e a troca de cartas podem ser pensadas como práticas culturais pelas marcas, gestos e atitudes que os sujeitos tanto imprimem, como deixam impressas. É com o destinatário que o remetente vai estabelecer relações, configuradas a partir de modelos e códigos de interesses socialmente construídos, reveladas nos modos singulares de apropriação e expressão. Esses bilhetinhos colecionados por Tininha estão repletos de marcas, sentimentos e códigos da escrita de Chiara.

Durante a pesquisa na Itália tive a possibilidade de observar os vários tipos de cartas e os diversos períodos da escrita de Chiara e com isso foi possível uma compreensão maior sobre dois aspectos: a identidade da autora, e o tipo de identidade que ela construiu de si, e projetava para seus leitores.

Basílicas, museus e exposições

Ao longo de todo o processo de investigação, além do olhar para as páginas epistolares, também pude conhecer melhor a História da Igreja. Em quase todas as vezes que fui à *Rocca di Papa*, aproveitava também para ir à cidade de Roma e conhecer um pouco mais dos arquivos, museus e igrejas. Visitei as quatro grandes Basílicas de Roma: São Pedro, no Vaticano, Santa Maria Maior, próximo ao Coliseu, São João de Latrão, próximo à Pontifícia Universidade Lateranense e São Paulo Fora dos Muros, onde está o túmulo do Apóstolo Paulo, a quem Chiara se referia e se inspirava para a escrita de suas cartas. Fui a essa Basílica também porque lá foi celebrada a missa de corpo presente de Chiara no dia 18 de março de 2008.

Dentre as outras visitas, nos *Musei Capitolini*, localizados na *Piazza del Campidoglio*, além de vislumbrar as grandes estátuas em bronze doadas pelo Papa Sisto IV no século XV, tive oportunidade de viajar pelos corredores do arquivo secreto do Vaticano, numa mostra intitulada *Lux in Arcana: L'archivio segreto vaticano si rivela*. Nessa exposição chamou atenção os vários dossiês com cartas, os diversos documentos da Igreja, bulas papais e testamentos. Isso serviu de impulso para a visita seguinte aos Museus Vaticano com seus vários setores, imensos corredores e Capela

Sistina.

Ainda em Roma, na visita à biblioteca Nacional, além da pesquisa bibliográfica, tive oportunidade de contemplar os artefatos de uma mostra intitulada: *La Comunità Russa a Roma (1900-1940)*. Era uma exposição de vários tipos de documentos, dentre estes: diários, cartas, fotografias, livros, poesias, revistas, pinturas, quadros, cartazes com propaganda de filmes, imagens de filmes, comédias, teatro, programação de concertos e filmes, dentre outros.

Nas cidades de Florença e Bolonha também visitei museus e grandes exposições. Chamou-me atenção o *Museo Europeo degli Studenti*, em Bolonha, onde se podem perceber vestígios da história da vida estudantil Europeia. Em Florença estive no *Museo degli uffizi* ou galeria dos ofícios, o grandioso museu das profissões. No *Palazzo Vecchio*, também em Florença visitei a Mostra: *Rappresentare l'Itália: Una storia in cinque pagine*. Era uma seleção de jornais italianos de 1861 a 2011. E ainda, na Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, em Florença, além da pesquisa bibliográfica estive numa mostra sobre Pinóquio: *Pinocchio compie 131 anni* –exposição de cartas e manuscritos com histórias do escritor Carlo Lorenzini (Collodi).

Outras atividades

Ainda na perspectiva de olhar para a História da Igreja, participei de um curso no complexo Religioso “*Maria Theotokos*”, sobre as raízes antropológicas do agir moral do ser humano no pensamento de São Paulo. As aulas foram ministradas pelo biblista Prof. Guido Cirignano e contextualizava aspectos das cartas do Apóstolo Paulo aos Romanos, aos Tessalonicenses, aos Coríntios, aos Gálatas e aos Filipenses.

No *Istituto Universitario Sophia* cursei uma disciplina com o Prof. Gérard Rossé, que analisou aspectos das cartas de Paulo. O objetivo era compreender melhor o pensamento do Apóstolo e sua escrita, bem como conhecer aspectos da vida do Santo que não são narrados pelos Atos dos Apóstolos e que somente por meio de suas cartas podemos enxergar.

Durante este período de investigação também pude assistir filmes com a história de Papas: Pio XI, Pio XII e Paulo VI, todos relacionados ao período cronológico da pesquisa realizada. O primeiro pela publicação da *Encíclica Divini Illius Magistri*, sobre a educação cristã da juventude em 1929, o segundo por seu pontificado no período da II Guerra Mundial e o último pelas mudanças advindas na Igreja após o Concílio Vaticano II, bem como pela estreita ligação mantida com Chiara nas décadas de 1960 e 1970. Também assisti a filmes sobre vários santos, dentre esses, dois italianos: Dom Bosco sacerdote e pedagogo que em 1859 fundou a Congregação dos Salesianos e a partir do trabalho nos oratórios criou o “método preventivo” de educação e Padre Pio, Frade Capuchinho seguidor de São Francisco e contemporâneo de Chiara.

Participei de diversas atividades e eventos promovidos pelo *Istituto Universitario Sophia*: “*La gioia di essere tutta di Dio*”: uma autobiografia de Renata Borlone em Palavras & Música; apresentação da Universidade ao Cardeal Rylko, presidente do Pontifício Conselho para os leigos. Estive num concerto com “*Daniele Ricci e le sue canzoni*” dedicadas a Chiara Lubich e fui a uma conferência sobre o diálogo ecumênico, realizada pela Prof^a. Dr^a. Judith Povilus (IUS) e Gerhard Pross, do YMCA (*Young Men's Christian Association*) um Movimento evangélico, laico, ecumênico e apolítico.

Também participei de aulas sobre o relacionamento estabelecido entre o Movimento dos Focolares e as outras religiões, outras igrejas e pessoas que não têm fé. Esse debate é configurado como: diálogo com outros Movimentos Católicos; diálogo com outras Igrejas Cristãs; diálogo com as grandes religiões e diálogo com pessoas que não têm um referencial cristão. Além disso, participei de aulas com Marco Tecilla sobre a história do Movimento dos Focolares.

Também durante este período de pesquisa tive a oportunidade de socializar os conhecimentos adquiridos em minha experiência de formação. Sempre que chegava algum estudante novo ou alguém que gostaria de pesquisar a pedagogia de Chiara, a Prof^a. Dr^a. Judith me convidava a fazer algum tipo de orientação e a falar sobre a minha pesquisa. Uma das últimas pessoas que atendi foi Sara Vladovich, estudante da Faculdade de Ciência da Educação da Universidade de Bolonha.

A pesquisa realizada na Itália me permitiu acesso a vídeos, jornais, revistas, livros e documentários sobre Chiara Lubich e sobre o Movimento dos Focolares. Vi álbuns com diversos registros de mensagens enviadas pelos membros do Movimento e também tive a possibilidade de conversar com pessoas que estudam o pensamento de Chiara Lubich sob vários aspectos.

Observando *Loppiano*, a primeira cidadezinha do Movimento Focolares, localizada em *Incisa in Val d'Arno* e onde habitam membros do Movimento dos cinco continentes, chamou-me atenção, sobretudo as 12 Escolas de Formação existentes; o trabalho nas fábricas e no Polo empresarial. Além disso, o agriturismo que possui uma proposta pedagógica, as visitas semanais de diversos grupos de pessoas, dentre estas: escoteiros, membros da Cruz Vermelha Italiana, alunos de diversas escolas, os momentos coletivos de colheita de uvas e olivas e os vários eventos formativos realizados na cidadezinha.

Os resultados

A possibilidade de conhecer melhor a História da Igreja, antes e depois do Concílio Vaticano II, também a história de outros Concílios, como o de Trento e a oportunidade de conhecer grande parte dos lugares importantes na vida de Chiara Lubich ajudaram na compreensão de sua escrita, de sua fala e de sua prática pedagógica, além de proporcionar um alargamento do olhar em escala maior sobre a utilização das cartas na História da Igreja.

Nas várias fases para elaboração da pesquisa, fui inserindo informações e reflexões tal qual uma artista compõe uma melodia, colocando as notas uma por uma na partitura. O motor que impulsionava o trabalho era o desejo de chegar a uma consonância significativa. Foi necessário paciência, fazer renúncias e lidar com cortes. Deparei-me com avessos, me dei conta de silêncios, de ausências, e penso também na existência do não dito, do protegido, do guardado, do não publicado.

O teólogo Von Balthasar em seu livro “O coração do mundo” (2006), diz: “Confia no tempo. O tempo é música; e o espaço do qual a música brota é o futuro. Som a som, a sinfonia cria-se numa dimensão que se inventa a si mesma, que continuamente, de um insondável espaço de tempo, se coloca à disposição [...]”. Esse texto do escritor suíço tornou-se fonte de reflexão sobre os aspectos vivenciados durante o período na Itália. É o tempo quem move a História em suas diferentes matizes. Numa investigação como esta, se por um lado ele me deu possibilidades de ultrapassar distintos espaços e por meio dos usos e apropriações de variadas leituras viajar por entre séculos, por outro lado, tornou-se insolente, ditando regras e prazos que deveriam ser cumpridos.

Percebi também que o tempo é o mediador da escrita epistolar. Ele está entre o signatário e o destinatário. É quem determina o momento do envio da correspondência, parece parar na ansiedade e no silêncio à espera de uma resposta e depois se torna testemunha do retorno, quando esse finalmente chega. O tempo é intermediário das diversas estratégias epistolares utilizadas pelo catolicismo para a formação de seus fiéis e consequentemente esteve entre Chiara e seus interlocutores e entre a pesquisadora e seu objeto.

O tempo está ligado à memória e ao esquecimento. Mas nesta investigação, o tempo abriu espaço e evidenciou também o sentimento de gratidão. Muitas pessoas colaboraram para o êxito dessa experiência na Itália, o Prof. Pietro Francesco Coda, Presidente do *Istituto Universitario Sophia*, a Prof^a. Dr^a. Judith Marie Povilus que supervisionou as atividades do estágio de doutorado e que foi companheira e seja nas diversas caronas, nos momentos de orientação e nas visitas à minha casa e a casa dela. Na busca pelas fontes, passei por vários acervos, encontrei muitas pessoas às quais, agradeço imensamente. E, sem dúvida, um agradecimento especial a CAPES, agência financiadora desta atividade de pesquisa.

De volta para casa

O retorno ao Brasil aconteceu no dia 09 de fevereiro de 2013. O avião partiu de Florença com conexões em Roma, Lisboa e São Paulo. O cansaço da viagem tornava-se pequeno diante da constatação do êxito do trabalho realizado e das muitas conquistas obtidas.

O sentimento de realização como pessoa e como pesquisadora, e a gratidão pelas possibilidades de aprendizados que fiz com as leituras e a escrita era imenso. E não apenas isto, a pesquisa na Itália e o contato com o *Istituto Universitario Sophia* abriu um ângulo de novas possibilidades de investigação e me fez adquirir um olhar universal. Não restam dúvidas de que se tratou de uma viagem potencialmente pedagógica.

Esses conhecimentos adquiridos não se resumiram às descobertas voltadas para a Tese, mas também a aspectos afins que foram acontecendo durante o período da investigação. Sinto-me renovada intelectualmente não apenas por ter acesso a novos conceitos, mas pela prática docente desenvolvida, pelo convívio em outras instituições de ensino, pelas aprendizagens de regras de etiquetas, de técnicas, de prendas domésticas e culinárias, pela leitura e interpretação dos mapas, dentre outras atividades que precisei desenvolver e, além disso, tive a possibilidade de conhecer diversos seres vivos da fauna e da flora que só sabia da existência por meio de fotos e documentários. Não restam dúvidas de que esse foi um período em que convivi com o tempo de plantio, da espera do amadurecimento e da colheita.

Na Europa se pode contemplar de modo mais visível as variações do tempo nas quatro estações. Em cada uma delas, constatei a mudança da temperatura e a renovação da paisagem. Olhando as fotografias vejo que em fevereiro as videiras em frente ao apartamento onde morei, eram ressecadas pela neve e pelo frio do inverno. Estavam aparentemente sem vida, mas bastou o sol da primavera aparecer em maio e várias folhinhas verdes começaram a brotar, cresceram e depois surgiram também saborosas uvas, que em tantos momentos tive oportunidade de colher.

Sinto-me um pouco como aquelas videiras, sofri com o sol do cansaço, com a chuva das incompreensões, com o vento que dificultava o acesso às fontes de pesquisa. Tive que viver o desapego das folhas que me aqueciam quando precisei deixar minha casa, minha cidade e meu país, para desafiar medos, enfrentar o desconhecido e tudo isso por um desejo

de buscar novos conhecimentos, de crescer em minha formação acadêmica.

Tal qual a videira, também passei por momentos semelhantes a mortes: as diversas dificuldades que enfrentei quanto ao acesso aos acervos, às fontes e as pedras que surgiram em meu caminho. Mas em minha vida de pesquisadora a primavera também chegou, o sol apareceu fazendo nascer folhas, flores e tantos frutos. Olho para o referencial teórico e os documentos que adquiri, penso na quantidade de acervos a que tive acesso, nas visitas e entrevistas realizadas, nos contatos mantidos e me vejo como uma videira plena e frondosa.

Os vinhateiros a cada ano fazem a vindima e as uvas passam por um processo de esmagamento, fermentação, filtragem para só depois se transformarem em diversos tipos de vinho. Em minha investigação, chegou o tempo da colheita, um ponto final simbólico foi colocado e a safra foi transportada para outros espaços. Tenho certeza que os resultados advindos serão divididos em muitas taças que se poderá degustar com a leveza e a elegância de quem saboreia um delicioso *Chianti* Toscano ao som de “As Quatro Estações” de Antonio Vivaldi.

Referências

ABIGNENTE, Lucia. ***Memória e presente: la spiritualità del Movimento dei Focolari in prospettiva storica***. Roma: Città Nuova, 2010.

Annuario del R. Istituto Magistrale “Antonio Rosmini” di Trento per gli anni scolastici 1928-29, 1929-30, 1930-31, 1931-32. Trento: Prem Stab.d’Arti Grafiche A. Scotoni, 1933.

Annuario Istituto Universitario Sophia. 2012/2013. A cura di COCCOLUTO, Antonio. Verona: Tipografia Milani, 2012.

BOURDIEU, Pierre. “Gênese e estrutura do campo religioso”. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-78.

BOURDIEU, Pierre. “Algumas propriedades dos campos”. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1980.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

CODA, Piero. ***Dalla Trinità: l'avvento di Dio tra storia e profezia***. Roma: Città Nuova/Istituto Universitario Sophia, 2012.

FELGUEIRAS, Margarida Louro e RICO, Antón Costa (Eds). *Exílios e Viagens: ideários de liberdade e discursos educativos (Portugal-Espanha séc. XVIII-XX)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação/CIIE-FPCE-UP, 2011.

FOLONARI, Giulia Eli. ***Lo Spartito scritto in cielo: cinquant'anni con Chiara Lubich***. Roma: Città Nuova, 2012a.

GALEAZZI, Giancarlo. ***Educazione e Pace di Maria Montessori e la Pedagogia della Pace nel' 900***. Torino: Paravia, 1992.

LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes. O aprendiz de feiticeiro e o mestre historiador: quem faz a história? In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol. 1: séculos XVI-XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 19-31.

LUBICH, Chiara. ***Lettere dei primi tempi (1943-1949): alle origini di una nuova spiritualità***. Roma: Città Nuova, 2010.

LUBICH, Chiara. *A vida uma viagem*. São Paulo: Cidade Nova, 1986.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Orgs). *História e memória da escola nova*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 9-25.

POVILUS, Judith Marie. *“Gesù in Mezzo” nel pensiero di Chiara Lubich: Genesi, contenuti e attualità di un tema Della sua spiritualità*. Roma: Città Nuova, 1981.

ZANI, A. Vincenzo. *Lubich: Educazione come vita*. Brescia, Itália: La Scuola, 2010.

Depoimentos:

AMARAL, Maria Teresa. Depoimento concedido durante visita da autora ao Centro Chiara Lubich. Rocca di Papa, 18 de maio de 2012.

CAVALCANTI, Ernestina Alves. (Tininha). Entrevista concedida à autora. Rocca di Papa, 13 de outubro de 2012.

CELIS, Regina. Entrevista concedida à autora. Rocca di Papa, 16 de maio de 2012.

CODA, Piero. Depoimentos realizados no decorrer da disciplina *Lineamenti di Teologia*. Incisa in Val d'Arno: Istituto Universitario Sophia, 2012.

FOLONARI, Giulia Eli. Entrevista concedida à autora. Rocca di Papa, 13 de outubro de 2012.

GILLET, Florence. Entrevista concedida à autora. Rocca di Papa, 16 de maio de 2012.

MEIER, Anna Paula. Entrevista concedida à autora. Rocca di Papa, 13 de outubro de 2012b.

ZAMBONI, Doriana. Entrevista concedida à autora. Rocca di Papa, 04 de julho de 2012.

Fontes eletrônicas:

www.centrochiaraalubich.org. Acesso em vários momentos.

www.cittanuova.it. Acesso em vários momentos.

www.eduforunity.org. Acesso em vários momentos.

www.focolare.org. Acesso em vários momentos.

www.focolare.org/notiziariomariapoli/category/notiziario/. Acesso em vários momentos.

www.iu-sophia.org. Acesso em vários momentos.

[1] De cor branca, com as palavras ALA BUS e um desenho com vários círculos.

[1] Um Movimento pedagógico/católico fundado por Chiara em 1943. Possui abertura ecumênica, diálogo inter-religioso e intercultural e está difundido em mais de 180 países dos cinco continentes. Focolares vem da palavra italiana *focolare*, que significa “lareira”, lugar onde está o fogo que aquece o lar e fornece luz e calor.

[1] O método ganhou o nome das duas irmãs que o idealizaram: Rosa Agazzi e Carolina. Segundo Cambi (1999), em Mompiano, perto de Brescia, elas organizaram um método inovador para a escola infantil. Juntamente com o método montessoriano também privilegia o protagonismo do aluno e o papel do educador como mediador e incentivador de atividades e propostas de descobertas. Mompiano fica ao norte da Itália nas proximidades da região do Trentino.

[1] Atualmente a revista ainda circula, mas possui um perfil diverso. Percebi que esse é um impresso que muito tem a

dizer sobre a História da Educação italiana.

[1] Chiara era membro da Ordem Terceira Franciscana e nutria grande admiração pelos Santos de Assis.

[1] Durante o ano vivido na Itália fiz várias vezes o mesmo trajeto de trem: de Figline, cidade vizinha a Incisa para Roma e de Roma para Frascati. E no retorno, Frascati/Roma e Roma/Figline. Ao chegar às estações contava sempre com a acolhida de alguma amiga que me esperava de carro e me levava para a casa onde estava hospedada, seja em *Incisa* ou em *Grottaferrata*.

[1] Frascati, Rocca di Papa e Grottaferrata são três cidades muito próximas entre si e estão localizadas nos arredores de Roma.

[1] Algumas exceções em que precisei de carona foram para as entrevistas com pessoas de bairros mais distantes, ou a visita ao Cemitério de Rocca di Papa, a visita ao Centro Mariapolis de Castel Gandolfo e um jantar em Frascati na companhia da Prof^a. Judith Povilus e de alguns membros da Associação Educação Unidade.

[1] O túmulo de Chiara Lubich está localizado em uma capela do Centro do Movimento, em posição diagonal, ao lado direito de quem entra. O local é muito visitado por membros do Movimento de todo o mundo e já se percebe na parede, as marcas deixadas pelas mãos das pessoas que tocam a tumba como um modo de veneração.

[1] Baseado no modelo familiar evidencia o jogo e o acompanhamento sereno e afetuoso dos professores. Visava substituir a repressão e o controle com meios coercitivos, típicos do método repressivo.

[1] Uma das companheiras de Chiara Lubich.

[1] Uma construção do século XIV é uma parte da casa onde morou o poeta italiano Francesco Petrarca.

Doutora em Educação; Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe; é membro da Sociedade Brasileira de História da Educação; integrante do Grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições escolares e práticas educativas.

E-mail: mariajosedantas@yahoo.com.br

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 20/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: